

TELEVISÃO E SENTIDOS: EXPLORANDO AS EXPERIÊNCIAS DE LAZER NA POPULAÇÃO CARCERÁRIA DE UM PRESÍDIO SEM POLÍCIA NO BRASIL

TELEVISION AND THE SENSES: EXPLORING LEISURE EXPERIENCES IN THE PRISON POPULATION OF AN APAC PRISON

LA TELEVISIÓN Y LOS SENTIDOS: EXPLORANDO LAS EXPERIENCIAS DE OCIO DE LA POBLACIÓN RECLUSA EN UNA PRISIÓN APAC

Walesson Gomes da Silva¹
Sergio Grossi²
Victor Arthur Ladeira Gomes³
Ana Karina Ladeira Gomes⁴
Valdir Assis Cruz⁵

RESUMO: Este estudo visa explorar os significados e sentidos que emergem entre a população carcerária de um presídio APAC durante seus momentos de lazer, especificamente relacionados ao uso da televisão. A APAC, como modelo prisional alternativo, representa uma abordagem única em comparação com as prisões convencionais, enfatizando a ressocialização e a reintegração dos detentos. Nesse contexto, buscamos investigar como os detentos atribuem significado ao ato de assistir televisão durante seu tempo de lazer na prisão APAC. Essa análise envolve compreender as percepções, interações e conexões sociais que surgem durante esses momentos, bem como a influência potencial da televisão na experiência prisional e na trajetória de reabilitação dos apenados. Este estudo utiliza uma abordagem de espectro etnográfico para capturar as percepções e perspectivas de dez detentos, empregando métodos qualitativos, como observação participante e entrevistas semiestruturadas. Ao compreender os significados subjacentes ao uso da televisão como forma de lazer na prisão APAC, esperamos lançar luz sobre aspectos importantes da vida dos reclusos nesse contexto específico, contribuindo assim para uma compreensão mais ampla das dinâmicas de reclusão e ressocialização. A pesquisa revelou que em dez anos de estudos, os detentos continuam fazendo uso da televisão com instrumento formador dos momentos de lazer.

Palavras-chave: APAC. Televisão. Lazer. Reclusão. Ressocialização.

¹Pós-Doutor em Saúde, Pós-Doutor e Doutorado em Estudos do Lazer (UFMG). Docente do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública (PPGSP) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa SULear CNPq/UEMG.

²Doutorado em Pedagogical Sciences, Education and Training pelo Università degli Studi di Padova, Itália. Assistant Professor of Criminology - City University of New York.

³Mestrando em Segurança Pública pelo Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública (PPGSP) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Segurança Pública e Inteligência. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa SULear CNPq/UEMG.

⁴Mestra em Educação e Docência (UFMG). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa SULear CNPq/UEMG.

⁵Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer (UFMG). Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa SULear CNPq/UEMG

ABSTRACT: This study aims to explore the meanings and senses that emerge among the prison population of an APAC prison during their leisure time, specifically related to the use of television. APAC, as an alternative prison model, represents a unique approach compared to conventional prisons, emphasizing the resocialization and reintegration of inmates. In this context, we sought to investigate how inmates attribute meaning to the act of watching television during their leisure time in the APAC prison. This analysis involves understanding the perceptions, interactions and social connections that emerge during these moments, as well as the potential influence of television on the prison experience and the inmates' rehabilitation trajectory. This study uses an ethnographic spectrum approach to capture the perceptions and perspectives of ten inmates, employing qualitative methods such as participant observation and semi-structured interviews. By understanding the meanings behind the use of television as a form of leisure in APAC prison, we hope to shed light on important aspects of inmates' lives in this specific context, thus contributing to a broader understanding of the dynamics of imprisonment and resocialization. The research revealed that after ten years of study, inmates continue to use television as a tool for leisure time.

Keywords: APAC. Television. Leisure. Imprisonment. Resocialization.

RESUMEN: Este estudio pretende explorar los significados y sentidos que emergen entre la población reclusa de una prisión APAC durante su tiempo de ocio, específicamente relacionados con el uso de la televisión. APAC, como modelo de prisión alternativa, representa un enfoque único en comparación con las prisiones convencionales, haciendo hincapié en la resocialización y la reinserción de los reclusos. En este contexto, buscamos investigar cómo los reclusos atribuyen significado al acto de ver la televisión durante su tiempo de ocio en la prisión APAC. Este análisis implica comprender las percepciones, interacciones y conexiones sociales que surgen durante estos momentos, así como la posible influencia de la televisión en la experiencia penitenciaria y en la trayectoria de rehabilitación de los reclusos. Este estudio utiliza un enfoque de espectro etnográfico para captar las percepciones y perspectivas de diez reclusos, empleando métodos cualitativos como la observación participante y las entrevistas semiestructuradas. Al comprender los significados que subyacen al uso de la televisión como forma de ocio en la prisión de APAC, esperamos arrojar luz sobre aspectos importantes de la vida de los reclusos en este contexto específico, contribuyendo así a una comprensión más amplia de la dinámica del encarcelamiento y la resocialización. La investigación reveló que, tras diez años de estudio, los reclusos siguen utilizando la televisión como herramienta de ocio.

Palabras clave: APAC. Televisión. Ocio. Encarcelamiento. Resocialización.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, introduzimos o leitor às experiências que geram significados e sentidos por meio das atividades de lazer em um presídio localizado na região metropolitana de Belo Horizonte. Este estabelecimento prisional opera sob um modelo diferente do sistema prisional

convencional no Brasil, conhecido como o modelo Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (APAC)⁶.

Para fornecer uma compreensão mais completa dessas atividades lúdicas educativas, este artigo está dividido em duas partes distintas. A primeira parte está dividida em quatro tópicos destinados a apresentar os conceitos fundamentais relevantes para a análise. A segunda parte detalha o uso da televisão como forma de lazer realizada na APAC.

É importante salientar que este artigo baseia-se em uma pesquisa iniciada em 2012, na referida unidade prisional e um dos autores permanece até os dias de hoje, como voluntário desta prisão. Assim, dez anos depois da primeira pesquisa, volta junto de sua equipe de pesquisadores, e faz as mesmas perguntas aos apenados que ali estão, sobre o uso da televisão.

Utilizando técnicas como a observação participante e entrevista semiestruturada com dez apenados, pudemos discernir o caráter formador dos momentos de lazer, que ofereciam aos jovens encarcerados a oportunidade de dar novos significados às suas ações e experiências.

Esta pesquisa busca oferecer uma visão aprofundada das atividades de lazer, em especial o uso da televisão, em um contexto prisional incomum, contribuindo para a compreensão das dinâmicas de reclusão e ressocialização

O Sistema Prisional sob Análise: O Modelo APAC

Em contraste com o sistema prisional tradicional, conhecido por seu caráter punitivo e estigmatizante, que consome recursos substanciais e contribui para altas taxas de reincidência criminal, a Associação de Proteção e Assistência aos Condenados, mais conhecida como APAC, surgiu em São José dos Campos (SP), em 18 de novembro de 1972. A APAC é uma entidade civil de direito privado, com personalidade jurídica própria, que se dedica à reeducação e reintegração social de condenados que cumprem penas de privação de liberdade (Ferreira; Ottoboni, 2016).

⁶ A Associação de Proteção e Assistência ao Condenado, abreviada como APAC, é uma organização brasileira que se dedica à reabilitação e reintegração social de condenados. As APACs são organizações não governamentais que operam um tipo de estrutura prisional alternativa ao sistema penitenciário convencional no Brasil. As APACs são conhecidas pelo seu enfoque humanitário na detenção, baseado em princípios de respeito à dignidade humana, trabalho, educação, religiosidade e participação ativa dos detentos na administração da unidade prisional (SILVA, 2014; GROSSI, 2020). Além disso, as APACs incentivam o envolvimento da comunidade na reabilitação dos condenados. Prisões geridas pelas APACs declaram taxas de reincidência significativamente mais baixas em comparação com prisões convencionais no Brasil (GROSSI, 2021). A abordagem das APACs tem sido elogiada tanto nacional quanto internacionalmente como um exemplo positivo de como a reabilitação e a reintegração social de condenados podem ser tratadas de forma eficaz e humanitária.

Esta abordagem singular desenvolve um método baseado na valorização da humanidade. Sua missão abrange a proteção da sociedade, a promoção da justiça e a assistência às vítimas.

A APAC fundamenta suas ações na Constituição Federal, que, em seu artigo 5º, estipula que "a pena será cumprida em estabelecimentos distintos, de acordo com a natureza do delito, a idade e o sexo do apenado" (BRASIL, 1988). Atuando em cooperação com os Poderes Executivo e Judiciário na execução penal, a APAC segue normas resguardadas pelo Código Civil e pela Lei de Execução Penal (LEP). A organização desempenha um papel fundamental na administração das penas de privação de liberdade em regimes: a) regime fechado a execução da pena em estabelecimento de segurança máxima ou média; b) regime semiaberto a execução da pena em colônia agrícola, industrial ou estabelecimento similar; c) regime aberto a execução da pena em casa de albergado ou estabelecimento adequado.

Um aspecto notável do modelo APAC é que os detentos são tratados como "recuperandos", em uma ideia de pessoa em processo de melhoria e são chamados pelo nome próprio, sendo envolvidos em diversas atividades diárias da instituição penal. O que contrapõem o sistema prisional clássico brasileiro, punitivo, que estigmatiza, ao invés de criar possibilidades sociais e políticas, que ainda consome vultosos recursos e, produz um alto índice de reincidência criminal (Silva, 2014). Surpreendentemente, a segurança e a disciplina do presídio são mantidas com a participação direta dos detentos, dispensando a presença de policiais ou agentes penitenciários (Darke 2013; Silva, 2014; Grossi, 2021). Essa abordagem metodológica resulta em um número mínimo de funcionários comuns, conhecidos como educadores sociais voluntários, porteiros ou "inspetores de segurança" (Silva, 2014; Grossi, 2020), quando comparado à proporção de presos e trabalhadores no sistema. Adicionalmente, a APAC se beneficia da dedicação de voluntários em suas operações.

4

Com os relatos supramencionados, pode-se perceber que esse modelo único promove uma abordagem humanizada e participativa no sistema prisional, destacando-se por sua ênfase na reabilitação e na reintegração dos condenados.

No tópico a seguir, discorreremos sobre juventude, pois, em nossa investigação acadêmica nos focamos nesse público que, conforme o Estatuto da Juventude⁷ estabelece esse

⁷ A Lei 12.852/2013 é o dispositivo jurídico que estabelece quais direitos dos jovens devem ser assegurados e fomentados pelo Estado brasileiro, sem depender da administração específica dos órgãos públicos. De acordo com a lei, são consideradas jovens aquelas com idades entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos.(BRASIL, 2013)

período da vida humana, sendo que fizemos um recorte etário de 18 a 29 anos. Uma vez que no Brasil, é a partir dos dezoito anos que o criminoso condenado vai para um presídio de adultos.

Juventude e sua Diversidade

A juventude é um período de experiências humanas, moldado pela história e pela sociedade, e não pode ser compreendido de maneira uniforme. Cada jovem é um indivíduo com sua própria história, visões de mundo, valores, emoções e projetos de vida. Como afirmou Daryrell (1996, p.140), é na singularidade dessas características que encontramos a verdadeira essência da juventude.

Assim, a juventude é um estágio profundamente marcado pela diversidade, uma diversidade que se origina das diferentes condições sociais, culturais, de gênero e regionais (Silva, 2014). Cada jovem traz consigo uma bagagem única que molda suas experiências e perspectivas (Spósito, 1999, p.1).

Ao discutirmos as atividades de lazer dos jovens, entramos em um terreno fértil para a análise das dinâmicas de sociabilidade, relaxamento, flerte e desenvolvimento de identidade que são tão características dessa fase da vida. De acordo com Carrano (1999), as atividades de lazer desempenham um papel fundamental na formação da identidade pessoal e coletiva dos jovens, servindo como redes relacionais cruciais para a construção de identidades urbanas.

Carrano (1999) também observa que os processos sociais que ocorrem nos espaços de lazer contribuem significativamente para a formação dos indivíduos, especialmente quando envolvem momentos de sociabilidade entre os grupos de jovens. Paulo Freire (2006) por sua vez, destaca que a educação é essencial para a construção da identidade cultural de um sujeito e que ela vai além da mera transferência de conhecimento, envolvendo também a conscientização e a exemplificação de valores.

Dayrell (2005) destaca que a socialização é um tema central na sociologia, uma vez que existe uma interconexão profunda entre o indivíduo e a sociedade. As normas e as estruturas sociais são produtos das ações e compreensões dos indivíduos na sociedade. Portanto, a interação entre as pessoas desempenha um papel fundamental na construção da identidade e do papel do sujeito nos espaços sociais. Enquanto a socialização é mais rígida, pois é moldada pela interação com instituições, a sociabilidade é mais fluida e baseada na interação com os outros (Silva, 2014).

Essas reflexões nos levaram a considerar os processos de socialização e sociabilidade dos jovens dentro da APAC investigada. Em 2012, a população jovem da APAC pesquisada era, em grande parte, proveniente de camadas menos privilegiadas da sociedade, frequentemente com baixo nível de escolaridade e carregando estigmas sociais e experiências de conflito (Ude, 2006). Portanto, foi essencial entender que tipo de juventude estava sendo construída socialmente nesse contexto. Foi importante ainda, explorar a subjetividade individual de cada jovem, reconhecendo a relação indivisível entre o indivíduo e a sociedade na formação do sujeito.

Conforme Rey (2003), a noção de sujeito incorpora a complexidade e a dialética do ser humano, que é simultaneamente uma singularidade e um ser social. Essa relação é recíproca, com cada indivíduo envolvido na configuração multifacetada em que as ações do outro se manifestam. A constituição do sujeito, portanto, é resultado de suas ações, que moldam sua subjetividade em conjunto com os contextos sociais em que ele está inserido.

Diante desses desafios, nossa pesquisa buscou desvendar os significados e sentidos presentes na relação desses sujeitos com a instituição, mediados por experiências de lazer que coexistiam com o trabalho, disciplina, educação e outras responsabilidades sociais e individuais dos detentos, neste artigo, focando no uso da televisão.

Em última análise, nosso estudo se concentrou na singularidade social desses jovens enquanto compartilhavam experiências de lazer em um sistema penal diferenciado, que ainda incorporava elementos de uma abordagem ascética centrada no trabalho como meio de redimir suas penas e superar suas dificuldades (Weber, 2004).

Neste contexto, conduzimos uma discussão sobre as concepções de lazer.

Concepção de Sentido e Significado

Para a construção deste artigo, foi essencial estabelecer os conceitos de sentido e significado. Buscamos embasamento teórico na Psicologia Histórico-Cultural, tendo como referências principais Vygotsky (2000, 2003, 2005) e Rey (1995, 2003, 2004, 2005, 2007 e 2011).

Segundo Vygotsky (2000), o significado é o conjunto de significados associados a uma palavra que ajuda o sujeito histórico-cultural a compartilhar suas experiências sociais. Em contraste, o sentido é a maneira como o sujeito usa a linguagem de forma fluída e complexa para expressar sua construção subjetiva individual. O sentido é uma expressão da consciência individual que se manifesta através da palavra.

Rey (2005) acrescenta uma dimensão importante a essa compreensão ao afirmar que a subjetividade é uma construção complexa e está enraizada em um contexto histórico e cultural. A dialética entre indivíduo e sociedade não é uma relação de exterioridade, mas sim uma relação recíproca. A subjetividade não se limita ao indivíduo; ela também é um sistema subjetivo gerado pela cultura na qual o sujeito está imerso.

Dessa forma, a pesquisa dos sentidos e significados nas práticas culturais e sociais, conforme proposto neste estudo, visa a destacar as interações complexas e complementares desses elementos, especialmente no contexto prisional. O lazer, como prática social, está intrinsecamente relacionado a processos que moldam a subjetividade humana. Portanto, nossa pesquisa busca trazer à luz essas interações dentro do ambiente prisional.

Com base nessa fundamentação teórica, o próximo item deste artigo apresentará as práticas de lazer na unidade prisional pesquisada, explorando seu potencial pedagógico em um contexto periférico, alinhando-se com a perspectiva formativa que esta pesquisa abordou.

Concepção de Lazer

No contexto do lazer, adotamos a definição proposta por Christianne Gomes, que o descreve como:

Uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo" (GOMES, 2004, p. 125).

Segundo essa abordagem, o lazer representa a oportunidade de vivenciar experiências culturais, seja de forma individual ou coletiva, que contribuem para a formação de valores necessários para a vida cotidiana, incluindo as regras e normas essenciais para a convivência em sociedade. Gomes, Lacerda e Pinheiro (2010) também enfatizam que o lazer é uma dimensão intrínseca à cultura, moldada pelo contexto sócio-histórico e cultural do sujeito, e é uma necessidade fundamental do ser humano.

O lazer, conforme essas perspectivas, envolve a produção, reprodução, construção e transformação de práticas culturais que são vivenciadas de maneira lúdica por pessoas, grupos, sociedades e instituições. Essas ações são enraizadas em um contexto social e temporal específico, influenciadas por outros aspectos da vida em sociedade e contribuem para uma constante resignificação da cultura (GOMES, 2010).

É importante ressaltar que o lazer, quando entendido dessa forma abrangente, não se limita a uma experiência individual, mas está profundamente conectado ao contexto social mais

amplo. No entanto, é comum que o lazer seja reduzido a uma única dimensão, ignorando sua complexidade e seu papel na construção cultural e social (SILVA,2018).

Diante dessas concepções de lazer, torna-se crucial aprofundar a discussão sobre as práticas de lazer dentro do sistema prisional. O lazer é um direito social garantido pela Lei de Execuções Penais (LEP), e, como tal, é responsabilidade das autoridades públicas reconhecer as produções artísticas e culturais originadas nas prisões como formas de trabalho, permitindo o direito à remição da pena⁸ e incentivando novas experiências. Nesse contexto, o lazer nas prisões representa uma oportunidade tangível para promover a sociabilidade e a socialização entre os indivíduos privados de liberdade, rompendo com a ideia de confinamento puramente punitivo.

Assim, essa discussão nos leva à perspectiva histórico-cultural, que nos ajuda a compreender conceitos como subjetividade, significado, sentido e sujeito dentro do contexto do lazer nas prisões.

Televisão no Ambiente Prisional: Entre a Alienação e a Busca por Significado

Nossa pesquisa de campo, realizada no primeiro semestre deste ano (2024), onde através de visitas, observação participante e diálogos individuais com os encarcerados, revelou que a televisão desempenha um papel fundamental como fonte de entretenimento e lazer na APAC estudada, que está localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais - Brasil. Vale destacar, que a escolha desta unidade não é aleatória, ela se dá devido ao fato de um dos autores deste artigo ter feito no ano de 2014 uma pesquisa lá, e uma das categorias da referida pesquisa ser sobre o uso da televisão pelos apenados. Dentro do sistema fechado, todos os detentos têm acesso a um aparelho de TV em suas galerias, operando nos horários estipulados pela diretoria: de manhã, entre 06h e 08h30min; à tarde, das 12h às 13h30min; e à noite, das 17h às 22h.

⁸A "remição da pena" no Brasil é um conceito legal que se refere à redução da pena de prisão de um indivíduo condenado com base em seu comportamento e cumprimento de certas condições durante o cumprimento da pena. Esse mecanismo é previsto pela lei brasileira como um incentivo para encorajar os detentos a se comportarem bem durante sua detenção e participarem de programas de reabilitação. Aqui estão algumas das principais maneiras pelas quais um detento pode obter remição de pena no Brasil: Trabalho: Um detento pode reduzir sua pena trabalhando enquanto cumpre sua sentença. A legislação determina um certo número de dias de remição por cada mês de trabalho. Estudo: Participar de programas educacionais e concluir cursos pode também resultar na redução da pena. A legislação prevê um cálculo específico para essa modalidade. Leitura: A leitura de livros selecionados pode ser contabilizada para remição da pena, desde que haja comprovação do cumprimento dessa atividade. Participação em programas de ressocialização: Participar de programas de reabilitação, como terapia ocupacional, terapia de grupo, ou programas de combate à dependência química, também pode contribuir para a remição da pena. Bom comportamento: Manter um bom comportamento na prisão é essencial para a remição da pena. Infrações ou comportamento inadequado podem resultar na suspensão desse benefício. É importante notar que a legislação brasileira estabelece regras específicas para a remição da pena, e a quantidade de dias ou meses de redução varia de acordo com cada caso. Além disso, a decisão sobre a remição da pena geralmente cabe ao juiz responsável pelo caso, que levará em consideração o cumprimento das condições e do comportamento do detento.

A televisão se apresenta como um meio de comunicação poderoso, capaz de exercer um forte apelo sobre os sentidos humanos, despertando uma variedade de emoções, como prazer, alegria, tristeza, medo e curiosidade, especialmente entre os apenados (Silva, 2014). No entanto, também é importante reconhecer que a televisão pode ser um instrumento de alienação, em um contexto de sociedade consumista que frequentemente promove a mercantilização das relações sociais. Moran menciona que:

Para a maior parte das pessoas, os meios de comunicação significam modernidade, deslumbramento, novidade, fascínio, lazer, relação dinâmica com o mundo. Os meios de comunicação parecem transparentes, evidentes, não problemáticos. Os meios representam e apresentam um modo de vida desejável e estimulam necessidades e expectativas percebidas como reais (Moran, 1994, p.46).

Autores como Aranha (1986), Marcondes Filho (1988), Arbex (1996) e Bucci (2003) têm argumentado que os programas televisivos, incluindo esportes, programas de auditório, novelas e noticiários, são eficazes como formas de lazer e entretenimento. Eles conseguem cativar o público ao abordar temas que ressoam com os anseios da sociedade, mesmo em um cenário marcado por desigualdades de classe, raça e gênero. A televisão proporciona aos espectadores a oportunidade de apreciar imagens de lugares que talvez nunca visitem e se envolver com esportes que raramente praticarão. Isso a torna uma fonte de lazer acessível a pessoas de todas as idades e origens (Silva, 2014).

De acordo com Aranha (1986), a televisão se aproveita do caráter alienante do trabalho, da fadiga da vida cotidiana, da incerteza e da insegurança inerentes à sociedade capitalista para criar um mundo fictício repleto de imagens sedutoras. A televisão constrói uma realidade espetacular que envolve nossos sentidos, criando a ilusão de que estamos participando ativamente, quando na verdade estamos envolvidos em uma forma de entretenimento.

Essa caracterização da televisão como um meio de entretenimento ambivalente, capaz de provocar tanto prazer quanto alienação, serve como ponto de partida para nossa análise do papel desse veículo na APAC. Aranha menciona:

[e]m um mundo em que o trabalho e o consumo são alienados, é difícil evitar que o lazer também não o seja. A passividade e o embrutecimento naquelas atividades repercutem no tempo livre. Sabe-se que pessoas submetidas a um trabalho mecânico e repetitivo em uma linha de montagem têm o tempo livre ameaçado pela fadiga mais psíquica do que física, tornando-se incapazes de se divertir. Ou então, exatamente o contrário, procurando compensações violentas que as recuperem do amortecimento dos sentidos (Aranha, 1986, p. 66).

Para a autora em questão, a televisão exerce um forte poder de atração sobre os telespectadores, devido à sua linguagem centrada no entretenimento e na sedução. Essa atração é particularmente pronunciada em contraste com ocupações que envolvem tarefas repetitivas e

mecânicas, em ambientes de trabalho competitivos, que frequentemente resultam em fadiga mais mental do que física. Essas condições de trabalho tendem a amortecer os sentidos fisiológicos, sendo ocasionalmente reavivados por meio de cenas e espetáculos televisivos que muitas vezes incluem conteúdo violento.

No contexto do sistema prisional, como a APAC, surge a questão intrigante de se a televisão aproveita a reclusão dos recuperandos para conferir significado e geração de sentidos às suas vidas. De acordo com um dos participantes entrevistados neste estudo, a televisão representa um campo permeado por ambiguidades, onde o entretenimento coexiste com tensões, especialmente quando a violência se torna o foco central dos programas televisivos contemporâneos. Uma das consequências mais preocupantes desse cenário é a naturalização da violência, como destacado no trecho a seguir:

Será que em um sistema prisional como a APAC, a televisão se vale da reclusão para dar sentido à vida dos recuperandos? De acordo com este mesmo sujeito entrevistado, o sujeito 1, por esta pesquisa, a televisão constitui um campo marcado por ambiguidades que geram entretenimento e tensões, quando a violência se torna o grande espetáculo televisivo dos últimos tempos. A naturalização da violência foi apontada como uma das consequências graves desse cenário, conforme atesta, por exemplo, o excerto transcrito a seguir: *“A televisão é um lazer, mas o que que pega é uma programação mais digna pra gente, por que toda hora tá bancando só Record, e Record ’ e só programação ruim, tem violência de mais. Tem que pô coisa boa, um MGTV pra gente.”* (Sujeito 1)

10

Nesse contexto, em que a busca incessante pela audiência assume um papel central, a televisão muitas vezes relega a informação a segundo plano, mesmo quando se trata de noticiários jornalísticos. Dentro desse ambiente de limitações, mesmo uma reportagem de natureza informativa frequentemente é moldada e percebida como uma fonte de entretenimento e lazer.

Sobre essa questão, Bucci (1996) critica a espetacularização do jornalismo, que consiste na repetição incessante de uma mesma cena, resultando na banalização do conteúdo e no amortecimento das respostas sensoriais dos telespectadores. Em relação a essa abordagem, Bucci (1996, p. 43) faz a seguinte observação:

[a] TV tem na informação jornalística um produto secundário. Seu negócio é o entretenimento. Daí a vocação para o espetáculo, o apelo à emoção. Mesmo os documentários não podem fugir à obrigação de emocionar. E o critério da emoção que faz com que imagens que já não informam nada de novo sejam repetidas sem parar. O gol de placa tem replays ao longo da semana. A trombada que matou Ayrton Senna

também. O objetivo é fazer durar a emoção. Por isso, na televisão, as tragédias não acontecem simplesmente: elas ficam acontecendo, num gerúndio interminável que não é o tempo dos fatos, mas o tempo das sensações. Diante das chamas, dos corpos no chão, o telespectador se deixa aprisionar, ou melhor, se deixa entreter, atraído por aquilo tudo (Bucci, 1996, p. 43).

O autor enfatiza que o objetivo principal da televisão é o entretenimento, em detrimento da informação, devido às pressões comerciais que moldam a programação televisiva. Portanto, a televisão tem a necessidade de manter o espectador cativado pelo maior tempo possível. A batalha pela audiência representa um elemento crucial para compreender o funcionamento da televisão. No entanto, conforme Oliveira (2020), é importante ressaltar que se trata de um tipo de entretenimento alienante, que priva o telespectador da capacidade de analisar criticamente aquilo que o absorve. Nesse contexto, Marcondes Filho (1998, p. 54), ao comparar a TV com o cinema, destaca o peso comercial do tempo na estruturação das programações televisivas da seguinte forma:

[a] televisão é então um meio de comunicação muito diferente do cinema, porque entre outras coisas vive da venda de cada minuto da programação, isto é, transforma em valor comercial seu tempo de emissão. Para cada minuto, existe um investimento, um preço, uma tabela e, sobretudo, um lucro. Já o cinema vende um produto inteiro – o filme – pelo qual o espectador paga adiantado na bilheteria, e uma vez no cinema assiste ao que vier. Na TV o telespectador pode a qualquer momento mudar de canal e a emissora sofrer perdas com isso. Este pequeno detalhe, que na verdade é o principal elemento na estrutura da televisão, explica porque a TV não pode gastar o tempo do receptor. Contrariamente, o cinema, que já tem o seu público assegurado pelo menos por uma hora e meia, tem possibilidade de jogar de diversas maneiras com esse tempo (Marcondes Filho, 1988, p. 9).

11

O entretenimento, o suspense e a dramatização são elementos intrínsecos à linguagem televisiva, mesmo quando se trata da apresentação de uma reportagem. A espetacularização de tragédias acaba por normalizar e trivializar a violência e o sofrimento humano, transformando pessoas em imagens despersonalizadas. Eugênio Bucci (1996) destacou que a televisão atua como um escudo contra as emoções dolorosas provocadas por uma catástrofe. Em vez de nos aproximar dos acontecimentos, a televisão nos induz a uma estranha sensação de imunidade, nos fazendo sentir protegidos diante de determinadas tragédias:

[e]ntrevistada num dos programas sobre o acidente, uma testemunha contou que estava no quarto quando vislumbrou as chamas pela janela. Mas logo em seguida, abriu novamente. Precisava confirmar o que tinha acabado de ver. Olhou e ficou horrorizada. Talvez o telespectador alegue algo parecido: não desprega o olho do vídeo porque precisa ver para crer. Mas a televisão, ao contrário das janelas de verdade, não o aproxima de nada – ela protege de tudo. Quem viu pessoalmente as cenas do desastre se feriu na alma. Muita gente não conseguiu dormir depois. Quem vê pela televisão as mesmas imagens se sente imune. Bebe um uísque, relaxa na poltrona. Sente um prazer estranho. Pede BIS e é atendido (Bucci, 1996, p. 64).

A televisão, com sua combinação de imagens, voz e movimento, alivia as pessoas não apenas da responsabilidade de refletir e se concentrar, mas também de experimentar plenamente suas emoções. Como observado por Marcondes Filho (1998), devido à sua estrutura organizacional baseada em blocos de comerciais, a televisão interrompe o fluxo de nossas emoções, impedindo-nos de vivenciar nossos sentimentos de forma profunda. Sobre essa questão, o pesquisador faz a seguinte observação:

[...] da mensagem cinematográfica, que muda radicalmente seu sentido, isto é, toda energia e emoção que o espectador tirava do filme são liberadas na mensagem comercial, que funciona como um descanso (na verdade um desvio) da tensão anteriormente criada. Ora, a tensão do filme não é algo necessariamente ruim: é a mobilização de emoções e sentimentos que levam à pessoa a exercitar e refletir sobre suas próprias sensações físicas. O desenrolar da estória é um pouco de vivência na medida em que aciona os mesmos mecanismos psíquicos das emoções reais e vivê-las intensamente é praticar as emoções reativando-as. Assim, na televisão, os filmes continuamente interrompidos, provocam uma retração da emoção em cada parada, um alívio, através da mensagem publicitária. Isto pode ajudar a venda de mercadorias, mas vicia o espectador na prática de economizar emoções, de vivê-las muito rapidamente e logo a seguir suprimi-las (Marcondes Filho, 1988, p. 20).

No contexto da APAC, no entanto, a televisão adquire novos significados. Devido ao isolamento da instituição em relação à sociedade em geral, a televisão se torna uma fonte limitada de conexão com o mundo exterior, oferecendo uma maneira de obter informações sobre a região de origem dos apenados. Além disso, a televisão serve como uma forma de ocupação do tempo e uma distração.

12

Embora a direção da APAC não censure nenhuma emissora de televisão disponível na mídia convencional, ela encoraja os reclusos a assistir aos programas jornalísticos da Rede Globo. Isso ocorre porque os programas de notícias de outras emissoras, muitas vezes, tendem a se concentrar no sensacionalismo relacionado ao "mundo do crime", um aspecto considerado prejudicial no contexto do processo de ressocialização, conforme avaliado pelos coordenadores da instituição. No entanto, essa escolha poderia representar um momento pedagógico a ser explorado pela instituição, integrando o lazer com processos educativos que promovem a sociabilidade e a inclusão social, como sugerido por Bauman (2003).

Apesar de outras emissoras muitas vezes enfatizarem o sensacionalismo em suas reportagens jornalísticas, é evidente que o noticiário da Rede Globo não é imparcial. De acordo com Bourdieu (1998), os jornalistas buscam transformar eventos comuns em extraordinários, o cotidiano em espetáculo. O marketing televisivo utiliza palavras simples e trilhas sonoras para cativar os telespectadores em relação ao programa proposto. Sobre esse ponto, o autor faz a seguinte observação:

[o]s jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado. O princípio da seleção é a busca do sensacional, do espetacular. A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera lhe a importância e gravidade, e o caráter dramático, trágico. Com palavras comuns, não se faz cair o queixo do “povo” (Bourdieu, 1998, p. 26).

Portanto, é correto afirmar que as imagens e informações apresentadas nos noticiários não são imparciais, ao contrário do que esses veículos pretendem transmitir. Na realidade, essas apresentações resultam de escolhas políticas, econômicas e ideológicas feitas pelos responsáveis pela programação televisiva. Esse processo de alienação, que desconecta as pessoas de si mesmas, destaca a necessidade de implementar atividades educativas no sistema prisional que possam estimular reflexões críticas sobre esses mecanismos.

[a] tevê (...), apesar de nos trazer uma imagem concreta, não fornece uma reprodução fiel da realidade. Uma reportagem de tevê, com transmissão direta, é o resultado de vários pontos de vista: 1) do *realizador*, que controla e seleciona as imagens num monitor; 2) do *produtor*, que poderá efetuar cortes arbitrários; 3) do *cameraman*, que seleciona os ângulos de filmagem, finalmente de todos aqueles capazes de intervir no processo de transmissão. Por outro lado, alternando sempre os *closes* (apenas o rosto do personagem no vídeo, por exemplo) com cenas reduzidas (a vista geral de uma multidão), a televisão não dá ao espectador a liberdade de escolher o essencial ou acidental, ou seja, aquilo que ele deseja ver em grandes ou pequenos planos. Dessa forma, o veículo impõe ao receptor a sua maneira especialíssima de ver o real (Sodré, 1987, p. 61).

Durante a entrevista com um dos entrevistados, ele destacou a importância da televisão naquele ambiente prisional como um instrumento que lhe proporcionava uma sensação de informação. No entanto, em sua fala, torna-se evidente o caráter apenas de entretenimento desse meio de comunicação, como pode ser observado no trecho a seguir:

Bom dia, a televisão pra nós aqui, ela é muito importante. A televisão tem um papel também de nos deixar informado acerca dos acontecimentos que tá acontecendo. Privado de liberdade a gente num... muitas das vezes a gente não sabe o que aconteceu lá fora. Então é um meio de nos manter informado sobre vários assuntos aqui. Aqui a televisão, ela não fica ligada o tempo inteiro. Não é o tempo inteiro que ela fica ligada, tem a questão também da disciplina, a gente tem que ter a questão da disciplina também, porque não pode, a gente não pode passar o tempo inteiro só vendo televisão, ela não vai agregar muita coisa. Mas o que a gente sempre busca aqui, uma das programação mais assistida aqui, algumas pessoas que se entretém e vai matando o tempo com as programações esportivas e jornal também, a notícia. São umas das coisas que são mais assistidas aqui. Então cada um aqui dentro procura de alguma forma se adequar, aí busca ali aquilo que gosta, que vai ajudar a passar o dia, passar o tempo nos momentos de lazer. (Sujeito 2)

Diante dessas condições de reclusão, é evidente que esse entrevistado tenta escapar de sua alienação em relação ao mundo por meio de um instrumento artificial, mas, ironicamente, acaba sendo levado a um mundo reproduzido por imagens teleguiadas. No entanto, essa faceta

não é unidimensional. Em outra entrevista, o sujeito vê a televisão como um aliado importante na luta contra o preconceito, ao enfatizar que:

O recuperando ele usa a televisão na verdade nos momentos de lazer, né?! Mas como eu falei, eu falei antes, tem muita coisa boa na televisão às vezes é o recuperado que deve usar ela por exemplo, assim: no horário do domingo de manhã tem muita gente que vai lá pra sala de televisão pra ver Globo Rural, pra aprender alguma coisa aquilo ali vai despertar nele às vezes uma coisa que ele vai querer fazer quando sair daqui eu por exemplo teve um domingo que Sobre criação de tilápia e despertou em mim interesse me aconteceu fui pesquisar então a televisão pra mim foi a pesar de eu não fazer curso aberto no Sebrae e no Senar pra poder falar pra poder aprender sua criação de tilápia e tô comprando até já um terreno pra poder começar a mexer assim que sair já pus meu filho pra, pra poder ajudar também e tal você tá pesquisando sobre isso também pra que eu saí a gente entrar nesse negócio aí e foi através da televisão. (sujeito 3)

Mais uma vez, fica claro que a televisão, apesar de suas limitações, continua a ser uma experiência que pode estimular um diálogo crítico entre os detentos. A implementação de um programa de Educação Social (conforme sugerido por Oliveira, 2004) entre essa população pode promover uma reavaliação na maneira como eles concebem suas relações e interações com outros indivíduos e suas redes de apoio.

Apesar de as emissoras de TV estabelecerem significados homogêneos para diferentes públicos e telespectadores-alvo, os sentidos atribuídos a esses significados são individuais, influenciados pela história pessoal e social de cada indivíduo (conforme argumentado por Rey, 2003). No caso do entrevistado mencionado anteriormente, ele reinterpretou a televisão como um objeto mágico capaz de transportá-lo para fora das paredes da prisão. A zona de significado, conforme discutido por Rey (2004a), criada pelo programa de TV, permitiu-lhe experimentar sensações que antes só havia vivenciado em sua família, carregadas de emoções e simbolismo associados à sua dinâmica familiar e aos significados atribuídos pelo seu contexto histórico e cultural. No entanto, esses significados raramente são explorados como temas reflexivos nas atividades terapêuticas e educacionais do sistema prisional pesquisado. Vale ainda destacar o que menciona Oliveira referente aos seus estudos sobre televisão:

Percebi que à medida que contavam histórias sobre esse veículo de comunicação e lembravam do que gostavam de assistir, contextualizavam essas passagens/paisagens com aspectos de suas vidas – familiares, econômicos, profissionais, culturais e sociais – que se passavam no momento de exibição de determinado programa ou da aquisição do seu aparelho televisor. A partir de relatos e processos de escuta, compreendi que essas pessoas, ao se remeterem a programas televisivos exibidos no passado, ativavam automaticamente memórias de momentos importantes de suas vidas, relacionadas aos hábitos cotidianos da sua família, muitas vezes, pautados pela TV. Elas recordavam de um ente querido que havia partido; de amigos de infância e adolescência com quem conviviam no período rememorado; de momentos de dificuldade da vida devido aos escassos recursos financeiros, quando a única opção era ver TV na casa do vizinho,

carinhosamente chamado por eles de “televizinho”; de formas como se vestiam, inspirados por personagens e artistas que seguiam na TV; do que aprenderam na infância e na adolescência com determinados programas, e até mesmo de como a publicidade ditava brinquedos e objetos consumidos na época. (Oliveira, 2019)

O autor descreve como as pessoas têm uma forte conexão entre suas memórias pessoais e a televisão, destacando como essa mídia desempenhou um papel significativo em suas vidas.

Ele ressalta que a televisão é um veículo de comunicação central na vida das pessoas mencionadas. Elas não apenas assistiam a programas televisivos, mas também constroem memórias profundas em torno dessa experiência.

Elas não apenas lembram o que assistiam, mas também relacionam essas lembranças com vários aspectos de suas vidas, como a família, situação financeira, cultura e sociedade em que viviam elaborando assim, significados e sentidos.

A menção a programas televisivos do passado ativa automaticamente memórias importantes nas pessoas. Isso indica que a televisão pode desempenhar um papel fundamental na formação de suas memórias e na construção de suas identidades.

Assistir a programas de televisão, em última análise, representa um momento repleto de ambiguidades que, do ponto de vista conceitual, se encaixa em um contexto cultural que pode assumir tanto um caráter alienante quanto transformador. De acordo com o Dicionário Crítico de Lazer (Gomes, 2004), a televisão é caracterizada da seguinte forma:

[a] televisão é um fenômeno social e cultural mais impressionante da história da humanidade. É o maior instrumento de socialização que jamais existiu, pois nenhum outro meio de comunicação da história havia ocupado tantas horas da vida cotidiana dos cidadãos, fascinando-os e penetrando no seu imaginário social [...] A televisão consegue fazer uma síntese entre a magia da imagem, aquela advinda do cinema, e o imediatismo do rádio. Por isso, a existência de uma força simbólica ou, como dizia Bourdieu, de um poder simbólico. Thompson (1998) explica que uma das conquistas técnicas da televisão é sua capacidade de utilizar grande quantidade de “deixas simbólicas”, tanto do tipo auditivo quanto visual. Diferentemente do rádio ou jornal, que se restringem à fala ou a escrita (Pires; Ribeiro, 2004, p. 214).

Portanto, a pesquisa realizada em 2024, assim, como a pesquisa realizada em 2012 ressalta a importância de reavaliar o uso da TV nesta e em todas as outras APAC's, com o objetivo de proporcionar momentos culturais mais significativos e atividades reflexivas que promovam o desenvolvimento crítico dos detentos. Observa-se, mais de dez anos entre uma pesquisa e outra, e que mesmo assim, a instituição não deu a devida atenção ao tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental destacar que o conceito de lazer é multifacetado e pode ser interpretado de várias maneiras durante momentos de relaxamento (Silva, 2020). Infelizmente, as políticas

prisões frequentemente subestimam o potencial educacional do lazer (Silva, 2018). Em vez disso, conforme destaca Silva (2018) muitas vezes, o uso do lazer nas prisões é estritamente funcional, visando apenas a dissipação de energia dos detentos na esperança de evitar conflitos entre os reclusos.

No entanto, é fundamental reconhecer que a televisão pode exercer uma influência positiva, dependendo dos programas selecionados (Silva, 2014). Por exemplo, ela pode afetar a forma como as pessoas se vestem, inspirando-se em personagens e artistas que aparecem na tela. Isso ilustra como a cultura popular transmitida pela televisão molda não apenas as memórias das pessoas, mas também seu estilo de vida ao longo dos anos (Oliveira, 2019).

Assim, compreendemos que a televisão não deve ser vista meramente como uma fonte de entretenimento, mas sim como parte integrante da vida e da identidade das pessoas, exercendo influência sobre suas memórias, experiências e cultura. Ela pode se tornar uma ferramenta poderosa para evocar lembranças emocionais e conexões com o passado, contribuindo para a ressocialização dos reclusos nas Associações de Proteção e Assistência aos Condenados (APACs), como bem pode ser verificado nas pesquisas de Silva (2014) que demonstra todo valor que o próprio método APAC dar para esse instrumento de comunicação dentro de suas dependências. Tanto, que existe uma regra curiosa na instituição, que por exemplo, se 100 reclusos estiverem juntos para ver TV, 99 quiserem ver o canal X, mas se o 100 quiser assistir ao canal Y, prevalecerá o desejo deste 100, pois a instituição compreende que este canal é o menos violento de todos os canais de TV aberta do Brasil.

16

Isso enfatiza ainda mais a importância de promover reflexões entre os reclusos sobre as tensões, significados, sentidos e interpretações envolvidos nessa prática social (REY, 2003).

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1986.

ARBEX JR., José. *Showrnalismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

_____. *O Poder da TV*. São Paulo: Scipione, 1998.

BARROS, Vanessa. Prisões oferecem "passa-tempo" para preso, e não trabalho profissional, diz pesquisadora. Entrevista concedida a Bragon Rayder. *UOL Notícias*, 14 nov. 2008. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2008/11/14/ult5772u1517.jhtm>>. Acesso em 05 jan. 2012.

BAUMAN, Zygmund. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BAUMAN, Zygmund. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *Vidas Desperdiçadas*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Vida Líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. *Danos Colaterais*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Tradução de Maria A. Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo, 1996.

_____. *A TV 50 anos - criticando a TV brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

CARRANO, P. C. R. *Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade*. Orientador: Osmar Fávero. 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação Física e Desportos, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999. 450p.

DAYRELL, Juarez. *A Escola como espaço sócio-cultural*. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares na educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996. p. 136-161.

17

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena. O rap e funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ELIZALDE, Rodrigo. *El ocio entendido desde la Teoría del Desarrollo a Escala Humana: Buscando experiencias de aprendizajes para la transformación social*. 10^o Congreso Nacional de Recreación, Bogotá, Colombia, 2008. Disponível em:<http://www.redcreacion.org/documentos/congreso10/RElizalde.html>. Acesso em: 10/10/2012

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

_____. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GOMES, Christianne Luce (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, Christianne Luce; LACERDA, Leonardo; PINHEIRO, Marcos Pinheiro. *Lazer, turismo e inclusão social: intervenção com idosos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LURIA, A. R. O problema da linguagem e a consciência. In: LURIA, A. R. *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria*. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein e Mario Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão - a vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1988.

MARQUES, Walter Ernesto Ude. *Pedagogia Social: uma disciplina emergente*. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 10, n. 59, p. 19-27, set. 2004.

MORAN, José Manuel. *Interferências dos Meios de Comunicação no Nosso Conhecimento*. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. V.17, n.2 (1994).

OLIVEIRA, Heli Sabino de. *EJA e Educação Midiática: direito à comunicação e à informação*. 1. ed. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, 2020. v. 5.

OLIVEIRA, H. S.; SOUSA, C.; FEITOSA, D. F. *TV digital e Educação Básica: a televisão como meio pedagógico, a escola como meio de comunicação*. Brasília: UCB, 2019.

OLIVEIRA, Walter F. de. *Educação social de rua: bases históricas, políticas e pedagógicas*. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 135-158, jan.-mar 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14n1/07.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

REY, F. L. G. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação*, São Paulo, EDUC, n. 1, 1995.

REY, F. L. G. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. La Habana: Pueblo e Educación, 1997.

18

_____. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. Tradução de Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.

_____. O sujeito, a subjetividade e o outro na dialética complexa do desenvolvimento humano. In: MITJÁNS-MARTÍNEZ, A.; SIMÃO, L. M. (Org.). *O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004a. p. 1-27.

_____. *O Sujeito na Psicologia e a Psicologia Social – a emergência do sujeito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004b.

REY, F. L. G. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural*. Tradução de Guillermo Mathias Gamucio. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

_____. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. Tradução de Marcel A. F. Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

REY, F. L. G. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação*, São Paulo, EDUCA, 1995/1999.

SILVA, Walesson Gomes. *Sentido e significado: a acadêmica como prática da lazer para uma juventude encarcerada*. UDZIWI, Revista de Educação da Universidade Pedagógica de Maputo - Moçambique, v. 34, p. 192-207, 2020.

SILVA, Walesson Gomes. *Produção de significados e sentidos em presídio apac a partir das atividades de lazer*. Revista Interdisciplinar SULear, v. 1, p. 65-81, 2018

SILVA, Walesson Gomes. Dissertação de Mestrado apresentada ao Prog. de Estudos do Lazer da UFMG. *Lazer e juventude encarcerada: tensões entre trabalho, disciplina e práticas culturais em uma unidade prisional da APAC*. 2014.

SPÓSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 161-178, nov. 1994. Disponível em: <http://www.observatoriodeseguranca.org/files/A%20sociabilidade%20juvenil%20e%20a%20rua.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.

_____. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade... *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, Departamento de Sociologia, FFLCH-USP, v. 5, n. 1-2, 1993, editada em 1996.

SPÓSITO, M. P. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ed. Ação Educativa, 2003.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2010.

UDE, W. *et al.*. Complexidade, Educação Social e Saúde: diálogos teórico-metodológicos para a construção de uma prática profissional mais integradora. In: XAVIER, C. C.; JESUS, R. M. (Org.). *Educação, Cultura e Complexidade: diálogos Brasil - Cuba*, Belo Horizonte: Argumentum, 2010. p. 83-89. 19

UDE, W. E. Amitié bandite: jeunesse, violence et masculinité. *Adolescence*, v. 25, n. 3, p. 671-676, 2007b.

VYGOTSKY, Lev S. *Formação Social da Mente*. Tradução de José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e palavra. In: _____. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 395-489.

_____. *Psicologia pedagógica*. Tradução de Paulo Bezerra. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LEONTIEV, A. *et al.*. *Psicologia e Pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005. p. 103-119.

_____. O problema da consciência. In: VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Teoria e método em Psicologia*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 171-189.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.